

AS TICS NA CULTURA ESCOLAR: Potencialidades na Aprendizagem dos Sujeitos⁸⁷

Arnaldo Vieira da Rocha⁸⁸

Vera Lucia Silveira Leite Campos⁸⁹

Resumo

O estudo busca compreender a cultura midiática do jovem, no sentido de reorganizar as possibilidades de mediação pedagógica para o sucesso escolar. Também retrata as relações de inclusão digital que possuem os jovens do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da periferia da cidade do Rio de Janeiro. O caminho traçado para realização da pesquisa descritiva foi o recorte do cotidiano desses alunos na interação com o ambiente familiar e comunitário. Para tal foi aplicado um questionário de questões abertas e fechadas, associado à observação participante no cotidiano escolar.

Palavras chave: cultura midiática, mediação pedagógica, inclusão digital, tecnologias da informação e comunicação.

Abstract

The study tries to understand the media culture of the young, to reorganize the educational mediation possibilities for school success. Also depicts the digital inclusion relations with young people of the 6th and 9th grade of a municipal school on the outskirts of the city of Rio de Janeiro. The path to realization of descriptive research was the daily clipping of these students in the interaction with the family and community environment. For this a questionnaire was applied to open and closed issues, associated with the participant observation in school everyday.

Keywords: media culture, pedagogical mediation, digital inclusion, information and communication technologies.

⁸⁷ - Artigo derivado da monografia do curso de especialização em Mídias na Educação promovido pelo PROINFO em Parceria com a UFRJ, 2012.

⁸⁸ Doutor - INCE/Pesquisador Computação do NUTES/UFRJ- Orientador da monografia do Curso de Mídias na Educação. e-mail minedu2012@gmail.com

⁸⁹ Mestre. Docente da FEBF/UERJ- Docência na Escola Básica e Especialista da Educação, SE da Escola Municipal Roraima. e-mail vlrusso@uol.com.br

1.Introdução

A cultura dos jovens como usuários das redes sociais está muito presente na vida de nossa comunidade escolar; seus hábitos revelam a prática de utilizar a comunicação informatizada como entretenimento. Esta realidade define o objetivo principal deste trabalho, que é estudar as relações que podem ser estabelecidas entre as tecnologias e o desenvolvimento de habilidades voltadas para a melhoria do desempenho escolar dos alunos.

O estudo foi motivado pelas demandas de uma escola municipal da periferia da cidade do Rio de Janeiro em procurar respostas para as inquietudes dos seus docentes, diante das mudanças culturais provocadas pelos avanços tecnológicos sobre os estudantes de hoje.

Em termos específicos, seu objetivo é tentar compreender a cultura midiática do jovem moderno, no sentido de reorganizar as possibilidades de mediação pedagógica para o seu sucesso escolar, bem como retratar as relações de inclusão digital dos jovens do 6º e do 9º ano do Ensino Fundamental, matriculados numa escola pública do Município do Rio de Janeiro.

Nos dias de hoje, a sofisticação do mercado de bens eletrônicos tem acompanhando *pari passu* os avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação. Com base em uma propaganda intensiva e criativa, este mercado tem agregado aos usuários desses gadgets digitais, símbolos de prestígio e reconhecimento social. Suas mensagens publicitárias possuem um caráter claramente persuasivo, cujo único propósito é seduzir e conquistar novos usuários, em todas as faixas etárias.

O impacto das TICs nas relações sociais, principalmente na infância e juventude, tem sido alvo de muitos estudos que apontam alterações nas experiências pessoais, “na produção e utilização dos símbolos e práticas culturais” (LEHMANN, 2011, p. 68). Essas práticas são reveladoras de uma grande parcela de excluídos, por não terem acesso e domínio das linguagens e códigos, e nos desafiam a estudar os efeitos dessas relações na educação e no desenvolvimento da subjetividade da nossa infância e juventude, conforme ressalta Lehmann (2011, apud GUTIERREZ, 2005: 66)

Embora estejam sendo inseridas nas universidades e escolas brasileiras, a utilização das Tecnologias e Mídias se confronta com um conjunto de barreiras que envolvem questões ideológicas, limitações econômicas e o desafio que representa a apropriação do saber e uso destes novos instrumentos. Sobrepor-se a este desafio requer não só identificar e suprir a demanda de uma infraestrutura e material tecnológico, mas mapear as necessidades, os recursos e domínios de conhecimentos para a utilização das mídias e a capacidade e habilidade para traçar caminhos de autoria e autonomia.

2. A cultura e as interfaces das TICs: um diálogo com os autores

Os autores estudados sobre a temática desta pesquisa (Almeida, 2005; Duarte 2012; Lévy 1999; Melo 2007; Moran, 2000) trouxeram discussões que ampliaram os olhares do cotidiano e possibilitaram o diálogo com os dados coletados, viabilizando o alcance do objetivo proposto de contribuir com novas mediações pedagógicas contextualizadas na cultura dos jovens.

As pesquisas de Duarte contribuíram para perceber a necessidade da intervenção pedagógica na conquista do pensamento reflexivo e nas habilidades abstratas de análise, crítica e síntese. Seus estudos enfatizam a relevância da educação formal e o papel docente nesta conquista.

Morin (1984), Moran (2000), Libâneo (2006) e Fanfani (2000) são pesquisadores cujos trabalhos dão sustentação teórica às percepções emanadas do diálogo com os jovens. O conjunto de idéias desses autores configurou importantes premissas nas relações que estabelecemos com a cultura de massa na contemporaneidade, uma vez que abrangem as maneiras de pensar, agir e vestir dos sujeitos, em suas preferências, escolhas e hábitos de consumo. Não nascemos prontos socialmente; nos formamos ao longo das relações estabelecidas nas instituições como a família, o grupo social, a escola, os meios de comunicação e informação.

Outro autor, MORAN (2000) afirma a necessidade da reelaboração dos sujeitos no processo de aprender, pois “aprendemos quando interagimos com os outros e o mundo e depois, quando interiorizamos, quando nos voltamos para dentro, fazendo nossa própria síntese, nosso reencontro do mundo exterior com a nossa reelaboração pessoal” (p. 23).

Se nos transformamos ao viver num processo de interação constante com a cultura, construindo sentido para ela, principalmente na emoção que promove, numa dinâmica de produtor e reproduzidor. Como educadores temos que compreender o processo de subjetivação cultural, como indicam os estudos de Melo (2007) em que a autora afirma “[...] assim pode-se entender o homem como produto de sua própria atividade e da atividade de outros sujeitos; através da ação mediada, o homem, ao mesmo tempo, se objetiva e subjetiva” (p.14).

Os autores nos convidam a investigar as relações entre os usuários e a formação de habilidades que aprofundam a destreza conquistada pelo acesso precoce, constante e desatento da geração nativa digital (PRENSKY, 2011). Isto ocorre porque somos sujeitos imersos numa cultura em transformação, principalmente na acelerada dependência tecnológica, assim enfatizada por MORIN (2006) ao “considerar a cultura como um sistema que faz comunicar- em forma dialética- uma experiência existencial e um saber constituído”(p. 77).

Os símbolos e práticas de reconhecimento social, que os jovens percebem como valorizados e de prestígio social, incluem o domínio das TICs como pertencimento a determinado grupo social. Este fato é demonstrado em MORIN (2006) ao “conceber a cultura como realidade econômica, social, ideológica, etc. e religá-la, assim, às outras dimensões sociais” (p.79).

Os saberes que adquirimos ao longo do desenvolvimento natural e biológico que nos permitem crescer fisicamente, potencializar os órgãos perceptivos e nos capacitar para a convivência em diferentes grupos sociais, não são naturais, mas sim sociais, formados por experiências transmitidas pelo sistema global. Segundo Morin, a cultura ilustrada só contém os saberes das humanidades, letras e artes, formando um código refinado, um sistema de normas – modelo que se derramam tanto sobre o imaginário quanto sobre o código de bem viver”(2006, p.79).

Pretto (2008) nos indaga sobre o processo passivo de acesso às informações “como um mero (tele) espectador. É isso o que queremos? Seguramente, não” (p.77). O autor relaciona a influência da cultura digital em nossa infância e juventude:

Nesse contexto, a apropriação da cultura digital passa a ser fundamental, uma vez que ela já indica intrinsecamente um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, afetando em maior ou menor escala todos os aspectos da ação humana. Isso inclui reorganizações da língua escrita e falada, as idéias, crenças, costumes, códigos, instituições, ferramentas, métodos de trabalho, arte, religião, ciência, enfim, todas as esferas da atividade humana. Até mesmo os aspectos mais pessoais, como os rituais de namoro e casamento, entre outras práticas, têm a sua regulação alterada, dadas as novas formas de interação vivenciadas na cultura digital (p.78).

São visíveis as alterações no comportamento dos jovens no culto à imagem, na reprodução de modelos bem sucedidos como ídolos e de objetos tecnológicos, celulares de multiusos, desde a câmara digital até o acesso à rede telemática. Muitos demonstram uma reprodução passiva consentida como caminho, validade de ascensão social e pertencimento ao grupo, crenças que precisam ser desmitificadas.

2.1 A infância, a juventude e as relações com as TICs

Não há como negar que as TICs influenciam o comportamento da juventude. Os jovens produzem experiências na vivência com os aparatos tecnológicos, bem como no consumo das propagandas que são exibidas nos diversos meios de comunicação. Nesse movimento, muitas representações são construídas; o imaginário de prestígio é reconhecido, fortalecido e incorporado. Portanto, os sujeitos formam-se em múltiplas culturas, criando maneiras de relacionamento e formas de incorporação de hábitos, nas comunidades virtuais e no espaço presencial próprio das diversas instituições que vivenciam.

Várias pesquisas demonstram que os jovens tornam-se usuários do computador, ou de outros utensílios tecnológicos, pelo uso persistente nos diversos grupos sociais a que pertencem, configurando-se como autodidata nas habilidades tecnológicas de comunicação, principalmente, segundo Duarte (2012), nas atividades que proporcionam entretenimento.

Os celulares estão presentes na vida dos jovens com muita intensidade e são símbolos de prestígio. Nas salas de aula, burlam a legislação proibitiva do seu uso, bem

como o de outros aparelhos sonoros, sendo assim, estão presentes os sujeitos no espaço escolar, ou seja, apenas seus corpos.

Essas formas de relacionamento são construídas pelos meios de comunicação, que elaboram e difundem valores, formas de viver, hábitos que afetam as identidades das pessoas, o sentido da vida, as relações humanas (LIBÂNEO, p. 31).

Uma constatação das percepções dos jovens contemporâneos, pelos docentes são as inquietudes, distrações e bipolaridade perceptiva. Ao mesmo tempo com fone, ouvem suas músicas, falam, dialogam, gritam, brincam, executam tarefas, manipulam seus celulares, enviam torpedos, respondem e reclamam com os docentes de que não conseguem ler, por estarem cansados de tanto estudar.

Temos verificado, no diagnóstico das turmas dos anos finais do ensino fundamental, que as horas de lazer ou ociosas dos estudantes são destinadas aos espaços da convivência social na rua, esquinas, locais públicos, como praças e *lan house*, quase sempre com os celulares presentes. Os jogos de videogame, filmes pela TV ou em DVD são preferidos, com mais frequência, na medida do crescimento da faixa etária.

Os resultados na formação humana são percebidos nas constantes indagações dos docentes em ressaltar o baixo desempenho dos jovens nas habilidades cognitivas de compreensão, análise, síntese e avaliação. Libâneo (2006), ao estudar a cultura jovem, cita Sartori (2001), apontando as transformações no ser humano:

O predomínio do visível sobre o inteligível, no limite, leva ao ver sem entender, ao domínio da visão fragmentada sobre a visão de conjunto, afetando significativamente o trabalho dos professores. Para entender uma imagem, basta vê-la, ou seja, hoje o conhecimento do mundo é feito quase apenas em função das imagens, e os alunos se cansam quando precisam ler, fazer exercícios, discutir, participar de uma aula. O jovem e a criança, como animais simbólicos, recebem o primeiro molde formativo por meio de um instrumento feito de imagens, totalmente centralizado no ver. Indo mais longe: a televisão criou e está criando um homem que não lê, mentalmente entorpecido, um viciado no vídeo, alheio aos estímulos da leitura e do saber providos pela cultura escrita (p.30).

Neste processo de formação de identidade, a programação da TV atua como produtora de sentido para as vidas, gerando uma padronização aceita pelos seus pares. Assim, ser aceito pelo grupo passa por certas características dominantes nas personagens dos seriados e novelas de maior audiência.

No processo de escolarização, são percebidas mudanças significativas na ausência de concentração, na redução da atenção diante das habilidades de leitura e de compreensão da informação. Os fatos corroboram a afirmação de Libâneo (2006): *“É que a televisão dispensa o exercício da palavra, do conceito e, com isso, pode atrofiar a nossa capacidade de abstração e compreensão”*

Outros sinais de descontrole sobre o uso excessivo da internet são: a perda do controle do tempo, o isolamento social, a instabilidade emocional e o baixo rendimento escolar. Segundo Góes & Abreu (2009,p.49), *“usuários abusivos do computador apresentam formas exacerbadas de vulnerabilidade pessoal, como baixa tolerância à frustração, baixa capacidade de enfrentamento social e de comunicação.”*

3. O cotidiano escolar dos Jovens na periferia da cidade do Rio de Janeiro

Ao penetrar no cotidiano de uma escola municipal da rede pública do Rio de Janeiro tomamos a cidade como cenário para a investigação da cultura dos alunos do 6º e 9º ano. Foram 83 jovens que responderam ao questionário aberto, além das observações da vida escolar. São usuários de aparelhos eletrônicos (celulares, mp3, iPhones, PCs etc.) e moram nos bairros da Região Leopoldinense, com baixo poder aquisitivo, são sujeitos representativos das consequências da ocupação desorganizada e degradante resultantes da expansão de moradias populares, a partir dos anos sessenta do século passado, fenômeno que se que acentuou nos últimos vinte anos.

Os efeitos do processo de desumanização do bairro são sentidos na convivência escolar, pois a infância e a juventude crescem limitados pela redução do espaço físico (uma praça e uma quadra), da oferta de atendimento às necessidades básica de moradia, saúde, lazer e cultura. Como consequência, o cenário degradante ramifica seus efeitos desumanizantes no interior da escola, nas relações com o espaço físico e pessoal.

No cotidiano das atividades que praticam, além de frequentar a escola, ressalta-se a dedicação de 31% ao uso do computador, além de 22% praticarem alguma atividade física ou esportiva, 26% demonstram preferência pelo espaço da rua, o quarto, dormir e nada fazer. É muito pequeno o quantitativo de atividades referentes à extensão de formação complementar à escolarização (cerca de 2%), conforme expressa o quadro abaixo:

Na leitura do gráfico 1, podemos perceber as marcas das diferenças sociais ao registrarem somente 0,60% de práticas de leitura e 2% que frequentam cursos de educação formal e informal. Instiga-nos considerar o quanto essas atividades colaboram para o acervo de idéias, bem como, as habilidades cognitivas, o pensamento abstrato reflexivo, a memória. Porém, os jovens assinalam um significativo tempo ocioso, que se faz inadequado ao desenvolvimento formativo, ético e cidadão. Portanto, percebe-se as consequências deste tempo entorpecido ao pensamento reflexivo, na ausência de práticas de trabalho escolar, tais como atenção, concentração, persistência, na tentativa no ensaio e erro, nas aproximações sucessivas ou na decomposição do problema (DAVIS et al., 2008).

As diferenças de viver as experiências sociais constituem fator determinante na formação de subjetividade, colaborando para distanciar da produção de sentido na escolaridade, o porquê de estudar, conhecer e a perseverança na formação humana e profissional, derivando conflitos nas diferenças entre linguagem e saberes. Segundo Emilio Fanfini (2000), os desdobramentos da ação educativa na constituição dos sujeitos são insignificantes por “ressaltar que a contradição e o conflito entre cultura escolar e social é mais provável no caso dos jovens das classes sociais econômica e culturalmente dominadas” (p.10).

A presença dos aparelhos eletrônicos nas salas de aula é expressiva. As formas de comunicação predominantes são os celulares (71%), 26% utilizam torpedos e mensagens. Percebeu-se que estes aparelhos são extensão dos materiais escolares, pois eles os trazem para escola diariamente e utilizam seus aparatos eletrônicos. Sabem que existe lei, mas se mantém muito indiferentes às normas legais de proibição de celulares e outros aparelhos eletrônicos na escola.

A proibição do uso no interior da escola é deflagradora de muitos conflitos, contradições e questionamentos. Por um lado, a literatura e pesquisa lamentam tais medidas por ausência de formação docente que explore essas ferramentas, investindo no protagonismo juvenil. Por outro lado, as vozes dos docentes atuantes na escola evidenciam o desvio da atenção, concentração para o acesso à cultura, sensualidade, pornografia e apologia ao crime na idolatria às armas.

Dentro das salas de aula do sexto ao nono ano (cinco salas) há equipamentos eletrônicos para utilização da Educopédia⁹⁰, um datashow; um par de caixas de som; alguns netbooks, que estão disponíveis aos docentes na secretaria para serem instalados; e uma rede Wi-Fi, cujo uso é restrito aos docentes. Alguns poucos alunos conseguem acessar a internet via celular, através de provedor próprio ou mesmo da rede escolar. Seus sites preferidos são o YouTube, as redes sociais e aqueles impróprios a adolescentes na faixa de 11 a 15 anos. De fato, a maioria dos sites acessados versa sobre sensualidade, sexo, erotismo, pornografia, violência, apologia ao crime organizado, armas e drogas.

A comunicação pelas tecnologias da informação foi destacada com muita frequência, via rede telemática, as redes sociais. Entre elas, destacam-se o Orkut, com 55 %, o MSN, com 43%, Facebook com 52%. Por outro lado, os programas de interatividade que exigem maior domínio da escrita e seleção de informações tiveram menor preferência: somente 21% utilizam *blogs*.

Na escola em análise, foi decidida a criação de um *blog* para registrar o conhecimento produzido na visita ao Museu da Chácara, em Santa Tereza. A tarefa durante a visita ressaltava “ler” o acervo das imagens de Debret no século XIX, identificando as características das relações sociais, econômicas, de trabalho e culturais da época, bem como as transformações na contemporaneidade. Os alunos foram orientados pelos arte-educadores e docentes a problematizarem a paisagem do século XIX, comparando-a com a paisagem atual física, observada no local, da cidade do Rio de Janeiro e experiências vividas.

⁹⁰ Plataforma de aulas digitais do município do Rio de Janeiro, a Educopédia oferece ferramentas em diferentes linguagens complementares ao Currículo Oficial. Ação integra a política centralizadora e reprodutiva do trabalho docente.

As dificuldades foram inúmeras, desde a postagem de imagens como as do registro escrito e de comentários no *blog*. A atividade se estendeu muito, por questões de falta de equipamento (o laboratório de informática encontra-se desativado), além das limitações da habilidade de compreensão, análise e síntese dos alunos.

Na pesquisa de Duarte e Neves (2012), as autoras procuram pistas sobre o domínio da autonomia nos usuários das TICs:

Não há evidências até o momento de que autodidaxia tecnológica se traduza, automaticamente, em autodidaxia cognitiva; os jovens dominam, sem a mediação de adultos, o uso de TI, mas não dominam, sozinhos, as tecnologias do pensamento abstrato/reflexivo, que são a base da autonomia intelectual. A autonomia intelectual na relação com TI exige a superação dos automatismos expressos na mera transposição de conteúdos entre diferentes suportes, prática regular entre os usuários da rede, implica ultrapassar o consumo crítico em direção à produção autoral e pressupõe a capacidade de realizar análises, interpretações e ressignificações dos conteúdos disponíveis nos ambientes digitais que tornem possível uma apropriação singular, pessoal (ainda que socialmente construída) dos mesmos (2012, p.6).

Convém evidenciar as percepções de indícios que confirmam estas argumentações ao apontarem que 72% utilizam os computadores para estudar e solucionar tarefas em programas de informação como: Google, Wikipédia e Educopédia. A pesquisa é realizada na medida que encontrem as respostas para copiarem. Inúmeras vezes os discentes realizam pesquisa no único computador da sala de leitura disponível aos alunos (existem três, mas dois aguardam peças de reposição da SME). Os notebooks destinam-se aos docentes para lançarem as tarefas rotineiras de frequência, planejamento e controle do rendimento.

Duarte e Nunes (2012) ressaltam algumas habilidades cognitivas necessárias ao desenvolvimento do pensamento abstrato/reflexivo, tais como “julgamento”, isto é, conferir a credibilidade de informações das fontes; “inteligência coletiva”, comparar e compartilhar noções e inovações. Existem ainda outras oito habilidades a serem construídas por uma ação intencional, formal. Esta “tarefa da escola, hoje, com vistas à formação intelectual dos estudantes é, fundamentalmente, criar estratégias que favoreçam o desenvolvimento dessas capacidades” (DUARTE et al,p.7).

Indagados sobre a frequência em algum curso de informática para aprender as linguagens os alunos, demonstraram que apenas 30% cursaram ou cursam a formação. Ela é oferecida na sua maioria na comunidade por ONGs. Os dados apontam que um grupo expressivo (10%) frequentou a Escola de Informática e Cidadania oferecida pela empresa White Martins, localizada às margens da Avenida Brasil, em Cordovil, na própria empresa, em uma sala destinada ao curso com funcionários voluntários da mesma para administrá-lo.

Outro exemplo de oferta está na Ação Comunitária do Brasil-Cidade Alta. Ambos os cursos oferecem à comunidade escolar noções de informática básica. Para tanto, realizam propaganda através de panfletos nas turmas e integração com uma docente. Na persistência pela parceria com a escola, ambos procuram manter um diálogo constante, mas acentuam a irregularidade na frequência e abandono do curso pelos alunos. Na White Martins, na última turma oferecida em agosto, a dinamizadora realizou uma reunião com os responsáveis no início do curso para fortalecer a parceria e combater a evasão.

Os dados abaixo também apontam o autodidatismo de 67%. As pesquisas de Duarte e Neves relatam a presteza tecnológica pelo uso constante e precoce por ensaio e erro das TICs. Tornam-se habilidosos sem compreender seu uso, bem como, distanciam-se da formação do pensamento reflexivo-abstrato e da produção da autonomia.

No cotidiano escolar está presente a inovação da atual política municipal de apoio ao trabalho docente, como se percebe, nos cadernos pedagógicos, nas disciplinas básicas (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia e História). São os desdobramentos das orientações curriculares municipais que determinam o cumprimento do currículo oficial, bem como atuam na centralidade e controle das ações pedagógicas, efetivadas pelas provas bimestrais para toda a rede.

Os cadernos pedagógicos foram assinalados por 51% dos alunos como fonte de consulta, mas também os livros didáticos são expressivos na validação do acesso ao conhecimento; 63% dos alunos afirmam que consultam os livros para resolver tarefas.

Ao serem indagados sobre suas preferências por alguma ferramenta para resolver as tarefas escolares, alguns alunos destacaram que o livro e o caderno pedagógico são os seus preferidos, porque resolvem os exercícios solicitados pelos docentes, enquanto os sites de consulta na internet atendem às necessidades de pesquisa propostos. Além de serem a base para as avaliações bimestrais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

A linguagem visual, muito presente na cultura dos jovens, passa a ser atendida, por alguns docentes, através da Educopédia, principalmente nas disciplinas de Matemática, História e Geografia. Porém, as dificuldades técnicas no acesso à internet e a instabilidade de mantê-la funcionando são tão frequentes que têm desestimulado a sua utilização em sala de aula. Este fato tem gerado um enorme descontentamento entre os estudantes, uma vez que, para alguns deles, esta é a única oportunidade de expressarem suas habilidades técnicas na solução de suas questões e de atender suas necessidades perceptivas visuais e sonoras, num crescente mundo interconectado diante de novas conexões e interações cibernéticas (LÉVY, 1999).

A presença do computador, e sua utilização como ferramenta pedagógica para promoção de aprendizagem, é um fato apontado por 53,4% dos alunos. Porém, 93,4% afirmam utilizá-lo de diferentes formas, em particular, para a comunicação social, no fortalecimento das relações sociais, bem como, para o lazer, no desenvolvimento de suas emoções e sentimentos.

Muitas vezes, o computador é identificado pelos estudantes como um grande mobilizador de permanência na rede, isto é, como um poderoso instrumento que lhes proporciona a oportunidade de navegar sem objetivos definidos, movidos apenas pela “embriaguez” provocada por imagens e sons que, eventualmente, podem satisfazer suas necessidades de inclusão e pertencimento.

Diante desta realidade, evidencia-se que o sentido produzido pelos alunos na relação com o computador está associado à necessidade de comunicação social, do culto da imagem, do narcisismo e do lazer irreverente e desrespeitoso. Um exemplo disto está no aumento dos casos de *bullying* através das redes sociais, onde os estudantes utilizam os recursos cibernéticos para “zoarem” ou resolverem seus

desafetos nas relações presenciais do cotidiano escolar. Além disso, eles insistem em permanecer ouvindo músicas, em jogar e a assistir vídeos no Youtube.

Tudo isto contribui para afastá-los da busca por novas aprendizagens e por caminhos que os levem a mobilizar-se para a desmistificação da produção das mídias e a serem protagonistas das comunicações que democratizam os “saberes” que a humanidade acumulou, de modo a contribuir para serem mais humanos.

Embora tenham assinalado que fazem uso do computador em suas residências (54%), em outra questão demonstraram terem liberdade de uso, sem fiscalização ou qualquer censura no limite de horário (63%). Além de muitas cenas de alunos dormindo em sala de aula, pela manhã, a observação de conversas durante o recreio permitiram observar que os adolescentes exaltam suas agilidades em permanecer muito tempo conectados à internet, assistindo a filmes na TV e a frequência nos bailes funk. Seus relatos estão associados às temáticas da cultura da violência e da pornografia, e são muito expressivos, isto é, muito carregados de emoção, inventividade e criação, tanto na linguagem verbal quanto corporal.

Os responsáveis pelos estudantes relatam, nas reuniões de pais, suas limitações no controle das tecnologias, principalmente no uso da informática e da internet. Evidenciam desconhecer o conteúdo de acesso ao computador por estarem no trabalho numa jornada muito extensa. Eles relatam estarem investindo na compra de aparelhos que capacitem seus filhos para o mercado de trabalho, que os incentivem a permanecer em seus lares e que, também, lhes deem acesso ao conhecimento e lhes proporcionem melhoria no rendimento escolar. A pesquisa demonstrou que um número muito reduzido de responsáveis conhecem os mecanismos de controle de acesso à internet, disponíveis no mercado, para limitar e acompanhar o que seus filhos realizam em seus computadores.

4. Considerações

Com esta pesquisa tentamos refletir sobre a cultura midiática dos jovens moradores da periferia da cidade do Rio de Janeiro e perceber indícios do quanto é preciso decifrar códigos de um novo campo da comunicação e interação virtual, através

do qual os jovens de hoje em dia se comunicam e investem muito tempo de suas vidas. Este retrato sugere pistas para a organização de práticas pedagógicas que utilizem e explorem as TICs como ferramentas de aprendizagem, principalmente na consolidação das habilidades reflexivas/abstratas.

A investigação apresenta vestígios de uma grande diversidade de situações no acesso ao mundo da telecomunicação e informatização. São culturas diferentes que retratam a predominância do uso internet, principalmente no que tange à necessidade de comunicação social e ao sentimento de pertença aos grupos que legitimam o reconhecimento social pelo poder cultural de prestígio, agregado aos produtos eletrônicos e uso da informatização.

No cotidiano escolar, travamos muitas lutas para mantermos o diálogo, a sedução pelo conhecimento e a formação de habilidades e competências. Dentro deste contexto e considerando democratização dos saberes e conhecimentos que a humanidade consolidou em um patrimônio material e imaterial para transmissão às novas gerações, espera-se que o jovens de hoje em dia possam compreender o mundo que está sua volta, desmistificar os meios de comunicação e a sociedade de consumo, e tornar-se mais humanos, mediante sua inserção produtiva e cidadã em sua sociedade.

Por fim, esta pesquisa lança novos olhares entusiasmados para o que dizem os cerca de 90% de alunos que manifestaram a vontade de continuar estudando para aprender melhor, ter educação e um futuro melhor; de passear e respeitar os professores; e de ser bons alunos. Muitos deles apresentam sonhos baseados em profissões atuais de prestígio, como jogador de futebol, artista, cantor e ator, mas também numa formação profissionalizante e superior.

Embora seja desmobilizador, desesperançoso, desarticulador, aliado às condições precárias de material das tecnologias da informatização, à redução de profissionais capacitados, às imposições do sistema educativo no controle de verificações sistemáticas e do currículo mínimo, o retrato da cultura digital dos alunos aponta decididamente pela necessidade da continuidade da profissão docente. Esta realidade requer a busca de brechas para penetrar nas contradições que o sistema oferece e nas culturas que nossos jovens apresentam.

É importante reconhecer que nossos alunos estão imersos na sociedade do conhecimento e diante de novos requisitos de aprendizagem e formação de habilidades para gerir o conhecimento. Segundo Juan I. Pozo (2010), necessitamos de novas formas de alfabetização, principalmente a visual, literária, gráfica, informática, científica e também as competências cognitivas.

É necessário superar as habilidades tecnológicas que são demonstradas na destreza do domínio técnico de manuseio dos aparelhos tecnológicos e informatizados para avançar nas habilidades de compreensão, comparação, análise e síntese para apreensão do conhecimento.

Esse processo exige investimentos na mediação docente no monitoramento e na criação de estratégias de domínio das relações que se estabelecem entre a ação cognitiva envolvendo o pensamento e o conteúdo. Nesta direção, as autoras Neves Duarte (2008) consideram que “o domínio das tecnologias tem que favorecer os processos metacognitivos que permitem uma análise crítica das informações e, o mais importante, pressupõem a socialização (sociabilidade)”(p.777).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B., MORAN, J. M. (orgs.). *Integração das Tecnologias na Educação. Salto para o futuro*. Brasília: MEC, SEED, 2005. Disponível em: http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/publicacoes/salto_para_o_futuro/livro_salto_tecnologias.pdf

DAVIS, Claudia, NUNES, Marina M.R., NUNES, César A.A. *Metacognição e sucesso escolar: articulando teoria e prática*. In: Cad. Pesqui., vol.35, nº. 125. São Paulo: May/Aug., 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000200011.

DUARTE, Rosalia; NEVES, Maria Aparecida Campos Mamede. *O Contexto dos Novos Recursos Tecnológicos de Informação e Comunicação e a Escola*. Educ. Soc.: Campinas, vol. 29, no 104 Especial, p. 769-789, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0729104>.

FANFANI, Emilio Tenti. *Cultura Jovem e cultura escolar*. In: Seminário “Escola Jovem: um novo olhar sobre o ensino médio”. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. 7-9, junho 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CultJoEsc.pdf>.

GOES, Dora Sampaio; ABREU, Cristiano N. de. *Os riscos do excesso de exposição ao mundo virtual*. Revista Pátio, Porto Alegre, RGS, Artmed, nº 51, AGO/OUT 2009.

LEHMANN, Lucia de Mello e Souza. *Tecnologias, Mídias, Educação: Tensões e Aproximações*. Revista eletrônica ALEPH, v. 5, nº 15, agosto, 2011. Disponível em <http://www.uff.br/revistaleph/pdf/revista15.pdf>.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBANEO, José. *Cultura Jovem, Mídia e Escola: O que muda no trabalho dos Professores?* Educativa. Goiânia, v. 9, n. 1, p. 25-46, jan./jun. 2006.

LIPMAN, Matthew. *O Pensar na Educação*. Petrópolis. Vozes, 1995.

MELO, Maria Taís de. *Processos de Objetivação e Subjetivação em Ambientes de Ead*. Revista Acadêmica e-educ@ção virtual - UNIVAL V.1, nº3, Jan/Jun 2007.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas-São Paulo: Ed. Papirus, 2000.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo – 1I- Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

_____. *Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo – 2I- Necrose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

POZO, Juan Ignacio. *A Sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento*. Tecnologia na Educação: ensinando e aprendendo com as TICs. Guia do Cursista. Brasília, MEC-SEEDA, 2010, p.60-63.

PRENSKY, Marc. *Imigrantes digitais*. São Paulo: Folha.com. out/2011. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/international/leia%20entrevista%20do%20autor%20da%20expressao%20imigrantes%20digitais.pdf>.

PRETTO, N. L.; SILVEIRA, S. A. (orgs). *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <http://www.rn.softwarelivre.org/alemdasredes/wp-content/uploads/2008/08/livroalemdasredes.pdf#page=75>